

30 anos de discursos de Lula: coerências e contradições de um projeto político

30 años de discursos de Lula:
consistencias y contradicciones
de un proyecto político

30 years of Lula's speeches:
consistencies and contradictions
of a political project

Resenha de:

PANKE, Luciana.

**Lula, do sindicalismo à reeleição, um caso
de comunicação, política e discurso.**

São Paulo: Horizonte, 2010, 216 p.

ISBN: 978-85-7891-074-7

Recebida em: 12 out. 2011

Aceita em: 28 dez. 2011

Eduardo Yoshio **NUNOMURA**
Universidade de São Paulo – Brasil

Eduardo Yoshio Nunomura é graduado em Jornalismo
e em Ciência da Computação e mestrando em
Ciências da Comunicação pela USP.

Contato: nunomura@usp.br

Luiz Inácio Lula da Silva é o tema principal de pelo menos 55 livros publicados no Brasil e no exterior por jornalistas, publicitários, empresários, cartunistas e pesquisadores acadêmicos¹. Com tanta variedade sobre o personagem Lula, encontrar um caminho inédito que contribua para decifrar o seu papel na História do Brasil é um desafio para qualquer escritor. *Lula, do sindicalismo à reeleição, um caso de comunicação, política e discurso*, da professora da Universidade Federal do Paraná Luciana Panke, consegue esse feito ao se debruçar sobre as falas do petista.

A autora defende que Lula foi abandonando gradativamente a concepção ideológica de um esquerdista contestador, dos tempos do sindicalismo, para se enquadrar no discurso de centro-esquerda, capaz de conciliar o sistema hegemônico imposto pela economia de mercado com programas em favor da igualdade social. Só que essa transformação fez parte de um projeto político construído ao longo de 30 anos de vida pública, permeado por contradições e coerências. É pertinente constatar que para o discurso de Lula “a estrutura argumentativa demonstrou mais permanência que mudança” (PANKE, 2010: 199). Ou seja, se ocorreram transformações em sua fala, elas devem ser creditadas não a estratégias eleitorais, mas sim a uma nova postura do petista. É o que ocorreu, por exemplo, quando ainda era líder da oposição e FHC governava o país. A fala moderada detectada por muitos só na campanha de 2002, ano de sua primeira eleição e cujo marco simbólico foi a Carta ao Povo Brasileiro², já estava presente em meados dos anos 1990.

O livro inicia-se em 2002, ano em que Luciana Panke cursava o doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Era (e ainda é) relevante buscar respostas para a questão central da pesquisadora: como se portaria o ex-sindicalista e defensor da classe trabalhadora ao chegar à Presidência? Logo se verificou que seria necessário ampliar o foco do trabalho que ia desde os tempos do sindicato até a reeleição. Mas, ao trabalhar com amostras temporais, restaram abertas grandes lacunas no *corpus* de análise, o que permite questionar se as escolhas foram representativas de fato ou convenientes para o desenrolar do projeto. Os anos de 2004 e 2005, dois períodos não averiguados, foram irrelevantes do ponto de vista discursivo?

A base teórica da pesquisa de Panke é a Nova Retórica, cujo representante maior é Chaim Perelman. Em 1996, ao lado de Olbrechts-Tyteca, Perelman propôs a

¹ Levantamento feito nas seções de livros dos sites das Livrarias Fnac e Cultura em 11 de outubro de 2011.

² No documento de campanha, Lula apresenta as diretrizes de seu governo caso vencesse as eleições, garantindo o cumprimento dos contratos e a manutenção da política econômica vigente.

teoria no *Tratado da Argumentação*. Por meio dela, o esquema argumentativo é composto de auditório (público), acordos (premissas presentes no discurso) e técnicas (estratégias linguísticas), que remetem à divisão em orador-discurso-auditório, conforme a tradição retórica e dialética grega de Aristóteles. Na Antiguidade, a retórica era concebida como a arte de falar em público, a oratória propriamente dita. No entanto, ao se projetar para o discurso político, a análise meramente linguística é insuficiente. Deve-se levar em conta os elementos que envolvem a disputa pelo poder, como defende Perelman (1996).

Já a análise de discurso, adotada por Panke para trabalhar com seu *corpus* de pesquisa, teve origem na França no fim dos anos 1960, período fértil de articulação entre disciplinas como linguística, psicanálise e marxismo. Ela galga força a partir da proposta de ruptura de Saussure (1969) para quem não se podia separar os lados individual e social da linguagem. Já Pêcheux (1969) via a formação discursiva como o lugar central na articulação entre língua e discurso, o que abria um campo novo para estudar cientificamente a política. O que a AD se propõe é compreender o processo produtivo do discurso e não priorizar a interpretação de um dado texto. Assim, para aplicar esses referenciais teóricos, Panke restringiu sua pesquisa às falas em que Lula abordou as questões de trabalho e emprego.

Para Foucault (1996), a forma do discurso é responsável pela materialização da ideologia. E isso sempre foi visível nas falas de Lula, desde os tempos em que ele surgiu perante a opinião pública como líder sindical expoente, em meados dos anos 1970. Já havia ali um discurso nitidamente político, onde o sujeito Lula era a voz institucional do sindicato e buscava persuadir o público a prestar atenção em suas mensagens, fazia-o pensar a respeito e, não raras vezes, conseguia mudar a percepção da maioria. Para a autora, havia uma disputa pelo direito de reivindicar e, sem surpresas, alcançar o poder central. Não por acaso, o slogan “a esperança venceu o medo”, da campanha de 2002, já estava presente, de forma similar, em um discurso de 1981.

Dentro do projeto político arquitetado por Lula e pelo PT, as derrotas de 1989, 1994 e 1998 impuseram ao petista a mudança em seu discurso, ao que a autora chama de “fase de transição”. Os argumentos apresentados no discurso de Lula da época já visavam identificá-lo com um público mais abrangente. Em 2002, começa a fase centro-esquerda, na qual a figura do Lula intuitivo cede espaço para um candidato cujas falas eram elaboradas pela equipe de produção do publicitário Duda Mendonça.

Uma vez eleito, Lula reassume as rédeas de seu discurso e adota a obsessão retórica pela temática do emprego³. É quando recorre, diz Panke, ao uso de sentimentos em prol da construção da imagem do orador e da identidade com o auditório, conforme classificava Aristóteles em *Retórica das Paixões*. O uso frequente de figuras de linguagem, afirma a autora, sempre objetivava adequar suas falas à audiência. Na campanha de 2006, o presidente precisou readaptar seu discurso para uma nova plateia que já o conhecia, mas não votava nele. A partir da mudança de sua base eleitoral, na comparação com 2002, o lulismo (SINGER, 2009) consolida-se com a construção de um novo discurso em que a temática do emprego assume feições pragmáticas (realizações) e apelos emocionais (discurso que enaltecia a melhora da qualidade de vida e a ascensão social).

A autora arriscou-se em adotar a AD tomando como aporte teórico Perelman e a sua Nova Retórica, sobretudo quando adentra o campo dos apelos emocionais. Patrick Charaudeau, que elaborou a Teoria Semiolingüística do Discurso, questiona exatamente esse ponto por entender que uma manifestação de emoção pode ser dominada, controlada para fins táticos, simulada para impressionar o outro, encenada como no teatro ou no cinema ou ser expressa por meio de gestos e comportamentos codificados (CHARAUDEAU, 2007). Até que ponto foi válido em certas partes da obra de Panke priorizar a dimensão lingüística do discurso de Lula, correndo o risco de negligenciar suas características psicossociais e o contexto social no qual a fala se insere? Ou, ao contrário, ter optado, em outras passagens, pelo determinismo sociológico, quando se procurou subordinar a esfera do discurso do petista às estruturas sociais. Como defende a própria autora: cabe ao leitor/eleitor fazer sua própria avaliação.

Referências

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.). **As emoções no discurso**. Mercado Letras, Campinas (SP), 2007. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html> Acesso em: 11 out. 2011

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

PÊUCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris: Dunod, 1969.

³ Os discursos de Lula que relacionaram geração de emprego como legitimadora das Reformas Agrária, Tributária e Previdenciária foram citadas 124 vezes em 2003. Já a palavra “obsessão”, em 24 oportunidades em seus 22 pronunciamentos em seu primeiro ano de governo (PANKE, 2010: 158-159).

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação** – nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SINGER, A. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos Estudos** - Cebrap, São Paulo, n. 85, p. 83-102, 2009.